

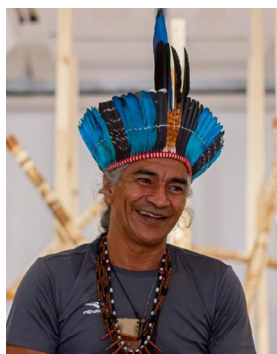
ENTREVISTA

MARCELO GUARANI: TRAJETÓRIA E LUTA PELO TERRITÓRIO DO SEU POVO

Henrique Antônio Valadares Costa

Arqueólogo e historiador. Doutor e Mestre em arqueologia pela USP. Membro do Conselho Estadual de Cultura - CEC/Secult-ES. Professor convidado do Programa de Formação Superior e Licenciaturas Indígenas (PROLIND)/UFES - PROLIND. Arqueólogo da Prefeitura Municipal de Vila Velha-ES.

ENTREVISTA



Entrevista para compor o dossiê “**Povos indígenas no Espírito Santo: desafios da invisibilidade histórica e protagonismo político-social**” a ser publicado na Revista do Arquivo Público do Espírito Santo-APEES.

Nome do entrevistado: Marcelo

Povo/Etnia: Guarani

Nome da comunidade onde reside: Ka'agwy Porã-Aldeia Nova Esperança

Idade: 52 anos

Profissão: Artesão, Professor Indígena, Cacique.

O senhor poderia falar um pouco da sua trajetória como estudante e na luta pelo território do seu povo?

Meu nome é Marcelo Oliveira da Silva, mas meu nome popular entre pessoas não indígenas é Marcelo Guarani, já com nome em português e o nome da etnia que é Guarani. Meu nome indígena de batismo, como eu sou conhecido pelo meu povo é Wera Djekupe. Wera Djekupe é um nome de batismo que na cultura Guarani tem um significado muito grande, na nossa cultura espiritual, Wera significa relâmpago, trovão e Djekupe significa guardião, um guerreiro, um guerreiro guardião, então se a gente falar Wera Djekupe, ao pé da letra é guerreiro guardião que é guardião do raio, do relâmpago.

Eu faço parte da família Guarani, da minha bisavó que caminhou durante 35 anos para chegar até aqui no Espírito Santo, e junto com os tupinikins, lutaram pela reconquista da terra. Minha trajetória como estudante deu início com meu bisavô e minha bisavó, do entendimento do tempo das coisas da floresta, do rio, de todas as coisas que há no mundo, o primeiro estudo é dentro da casa de reza, ela é como se fosse uma faculdade que a gente aprende na teo-

“Os indígenas estão aprendendo a dominar as ferramentas e com isso ele pode contar a história verdadeira, aquela que ele ouviu de seus avós. A tendência então é passar a informação de forma muito mais correta e assim vamos combatendo o preconceito”.

ria e na prática, foi ali que aprendi quem somos, como deveríamos caminhar. Lá foram as minhas primeiras lições como estudante, mas ouvindo através da oralidade, naquela época, o que as lideranças falavam, o tempo das coisas, da arte, da forma de viver. Ai com o tempo eu fui estudar depois de velho, a escola do Jurua, e hoje com 50 anos aprendi muitas coisas, de formas diferentes, mas que me ajudaram a trabalhar dentro da comunidade e fazer o Jurua entender um pouco mais o que o meu povo fala. Acabei virando uma ponte entre o não indígena e o meu povo, a primeira língua é a língua guarani, a segunda é a língua portuguesa. Aprendi muitas coisas, mas hoje tenho experiência, e além de ser formado em educação indígena tenho experiência o bastante para passar como exemplo dentro da comunidade. Hoje sou cacique, representando a comunidade já por três vezes.

Então sobre a minha luta pelo território, no meu entendimento, se inicia pela busca da minha bisavó pela terra sem mal, quando ela enfim chega

próxima daqui onde estamos hoje. Entre esse tempo de minha avó e o meu meu povo passou pelo o exílio na ditadura sendo levados todos para a Fazenda Guarani, Carmésia, próximo a Governador Valadares, onde moraram por alguns anos até receber a revelação que era preciso voltar para nosso lugar verdadeiro. Minha bisavó mais uma vez caminhou com meu povo até aqui, mas quando voltaram a floresta já havia sido tirada de nós, todos aqueles bichinhos, árvores, tudo estava diferente. Mesmo assim resolvemos ficar e continuar a lutar pelo nosso território, nesse tempo eu já tinha uns 6 anos e foi formada a aldeia de Boa Esperança, dando início à retomada de nossa terra. Depois da formação dessa aldeia minha bisavó fez a passagem e continuamos todos na luta fundando a aldeia de Três Palmeiras e Piraqueaqu. O último território a ser integrado foi a aldeia de Olho D'água que acabou sendo destruída e se deu início a luta, até armada. Foi um tempo de luta difícil, onde o preconceito pelo nosso povo foi demonstrado até em propagandas de empresas, como a antiga Aracruz Celulose. Somente em 2010 conseguimos enfim a reintegração de posse de onde hoje temos as aldeias de Olho D'água, Amarelos, Aerial, Córrego do Ouro, que foram aldeias reconstruídas.

Hoje a luta ainda continua, são muitos os desafios, mas ocupamos hoje a aldeia de Nova Esperança, Ka'agwy Porã, onde possuímos uma reserva ainda de floresta e rio de água limpa. Aqui acreditamos em uma nova possibilidade e estamos trabalhando todos os dias com o objetivo de reflorestar e viver nossa cultura, retomar nossas sementes sagradas e nossos rituais milenares.

Sobre a proposta do dossiê, pensar a invisibilidade histórica construída sobre os povos indígenas no Espírito Santo e os desafios de superá-la, como o senhor percebe a relação dos não indígenas com seu povo na atualidade? Há um racismo muito forte ainda?

Existe ainda um racismo muito forte, o preconceito contra os povos indígenas e a gente percebe que a gen-

“Pra gente, o maior marco realmente foi a chegada dos portugueses, onde nossos antepassados foram enganados e isso mudou para sempre a vida dos povos dessa terra”.

te não fica muito à vontade, na própria fala das pessoas quando falam do nosso modo de viver, eles não sabem, mas somos os verdadeiros nativos, pertencentes desse país, mas mesmo assim somos tratados como estrangeiros. Os não indígenas ao dar ouvido aos políticos que manipulam a população para pensar de forma negativa. Os políticos manipulam, falam absurdos, por exemplo, o índio quer muita terra, o índio quer dinheiro, e por conta dessa falta de informação do povo eles acreditam e apoiam essa opinião e assim poucos conseguem entender a nossa verdadeira história e nosso pertencimento. Nós conhecemos nossa verdadeira história porque não perdemos nossa língua materna, então nossos bisavós nos contaram de onde viemos, porque estamos aqui, como se chama nossa terra, nosso território, sabemos como devemos viver e onde deve estar nosso pensamento. Mas ainda para o não indígena ter conhecimento dessa nossa caminhada é muito difícil e acredito que é aos poucos, com nossos jovens podendo contar nossa história, que isso vai sendo mudado aos poucos.

Como professor indígena o senhor entende que o ensino de História ainda reforça o apagamento desses sujeitos na História do Espírito Santo?

“Nós conhecemos nossa verdadeira história porque não perdemos nossa língua materna, então nossos bisavós nos contaram de onde viemos, porque estamos aqui, como se chama nossa terra, nosso território, sabemos como devemos viver e onde deve estar nosso pensamento”.

E claro, as escolas não ensinam nada sobre a nossa verdadeira história e sim sobre a história geral. Mesmo as escolas dentro da aldeia seguem o livro didático geral. Algumas pessoas escreveram sobre a história do Espírito Santo, mas nem todas as pessoas tem acesso a esse material. Então há um verdadeiro apagamento da nossa história. Alguma coisa que o não indígena escreve fica dentro das faculdades, é lido por poucos que se interessam.

Qual a importância que o senhor vê na Licenciatura intercultural Indígena?

É importante criar novas formas de se escrever a história, hoje em dia já temos alguma autonomia com estudantes da própria aldeia. Aos poucos podemos nós mesmos escrever a nossa história e não depender apenas do mundo lá fora. Os indígenas estão apren-

dendo a dominar as ferramentas e com isso ele pode contar a história verdadeira, aquela que ele ouviu de seus avós. A tendência então é passar a informação de forma muito mais correta e assim vamos combatendo o preconceito.

A identidade capixaba ainda está muito vinculada ao imigrante, ao mito fundador de uma história que o indígena é visto como obstáculo ao progresso e desenvolvimento. Como o avanço dos projetos desenvolvimentistas impactaram e impactam o território do seu povo?

De todas as formas foi impactado, os indígenas foram cada vez mais encolhidos, afastados do seu lugar natural, onde consideravam sagrados. Foram expulsando cada vez mais os indígenas do seu modo de vida, os indígenas foram massacrados, exterminados, mortos e a gente chega em tempos mais recentes, mas continua essa forma de dominação, queriam tirar os direitos indígenas, vistos como animais. Os governos, por exemplo, fizeram de tudo para apagar os direitos, entraram com as leis de terras devolutas, onde o próprio governo dava esse caminho para as pessoas expulsarem de forma violenta os indígenas, depois abafavam isso, muitos indígenas morreram dentro das suas próprias terras. Limpavam a área para ocupar as terras indígenas. No Espírito Santo, por exemplo, davam terras indígenas, títulos que na verdade eram terras indígenas que iam para os italianos e com isso essas pessoas que receberam terras, criando novas formas, passando para empresas, que se instalaram em volta de todas as terras. Com o tempo, os indígenas conseguiram uma retomada de algum território pequeno, pelo menos para viver, mas onde estão as florestas, os animais, os rios com peixes...

Nesse ano de 2022, completam-se 200 anos da Independência do Brasil. Para os brasileiros, esse é um marco importante e é sobre esse processo que muitos historiadores vão discutir. O senhor entende a independência como um marco histórico? Ou seriam outros marcos que definem a

percepção do seu povo sobre a história? Quais seriam esses marcos?

Isso é uma história dos brancos, não é uma história dos índios. Nós sempre fomos prejudicados desde o início da chegada dos brancos. A parte mais importante, é que a nossa independência é que foi usurpada, depois do processo da colonização que o Brasil pertencia à coroa portuguesa e depois vem a independência, mas para o indígena não muda nada.

A chegada da colonização é um marco, primeiro quase dizimaram os indígenas todos, depois os brancos com os brancos fizeram um tratado e fizeram um acordo. Parece que não entra em nenhum momento a opinião indígena nesse processo, será que algum indígena tinha conhecimento naquela época sobre a independência? Algum indígena foi consultado sobre sua terra? Acredito que não, pelo contrário, era como se todo o território não tivesse dono e os portugueses e espanhóis foram dividindo aquele tesouro que encontraram e passando por cima dos verdadeiros donos da terra. A independência pra mim foi coisa de político entre político.

Pra gente, o maior marco realmente foi a chegada dos portugueses, onde nossos antepassados foram enganados e isso mudou para sempre a vida dos povos dessa terra.

